O Universo da Beleza

"O grande despertar da arte para a liberdade ocorreu, sensivelmente, entre 520 e 420 a.C. Por volta dos finais do século V a.C., os artistas, tal como o público, tinham já tomado consciência do seu poder e importância. Apesar de ainda serem vistos como artesãos e, de alguma forma, ainda serem menosprezados pelas classes mais altas, havia já um grande número de pessoas que se começava a interessar pelo seu trabalho e pelo seu valor, e não apenas pela sua função religiosa ou política. As pessoas começaram a comparar os méritos das diferentes "escolas" artísticas, o mesmo é dizer, dos diferentes métodos, estilos e tradições, que diferenciavam os mestres nas várias cidades. Não restam dúvidas que a comparação e competição entre as escolas estimulavam os artistas a evoluir e ajudavam a criar a diversidade que tanto admiramos na arte grega.

Também na arquitectura, vários foram os estilos que começaram a ser usados em simultâneo. Por exemplo, o Pártenon tinha sido construído no estilo dórico, todavia, nos últimos edifícios da Acrópole já começou a ser introduzido o chamado estilo jónico. O princípio destes templos é o mesmo dos dóricos, mas toda a aparência e carácter são diferentes. O Erectéion é o edifício que melhor exemplifica esta realidade. As colunas do templo jónico são menos robustas e fortes, são mais esbeltas, e o capitel já não apresenta uma forma simples circular, passando a ser decorado com volutas laterais; mais uma vez, estas características parecem exprimir a função do elemento de suporte da viga e de apoio do telhado. A impressão que estes edifícios nos deixam, nos seus detalhes tão ricamente trabalhados, é de uma infinita beleza e simplicidade.

Tal beleza e simplicidade também marca a escultura e a pintura deste período que começa com a geração a seguir a Fídias. Atenas estava nesta altura (431 – 404 a.C.) numa terrível guerra com Esparta que terminou com toda a sua prosperidade, bem como a da Grécia. Em 408 a.C., durante um breve período de tréguas, foi acrescentado ao templo de Atena Niké (Deusa da Vitória) na Acrópole, uma balaustrada esculpida, cujas esculturas manifestam a mudança de gosto em direcção à delicadeza e refinamento que também estão reflectidos no estilo jónico. É uma figura bonita, a figura de uma rapariga, uma das deusas da vitória, vergada a apertar a sandália enquanto caminha. Com que charme é esta posição retratada e com que leveza e riqueza a túnica cai sobre o seu magnífico corpo! Podemos observar por este trabalho que, nesta altura, o artista podia fazer tudo quanto queria, já não tinha qualquer dificuldade em representar movimentos ou reduzir dimensões. Esta facilidade e virtuosidade tornou-o pouco consciente do seu valor. O artista dos frisos do Pártenon não pareceu reflectir muito sobre o seu trabalho ou sobre o que fazia; ele sabia que a sua tarefa era representar uma procissão e para tal, esforçou-se por representá-la o melhor possível. Ele não tinha verdadeiramente consciência de ser um grande mestre, sobre quem, anos mais tarde, novos e velhos viriam a falar.

A cornija do templo da Deusa Vitória (na Acrópole) mostra, talvez, o começo de uma mudança de atitude. Este artista passa a orgulhar-se do seu infinito poder e, por isso, durante o séc. IV a.C. o estudo da arte mudou. As estátuas dos deuses de Fídias tinham sido famosas por toda a Grécia como representantes dos deuses. As estátuas do grande templo do séc. IV a.C. ganharam a sua reputação mais em virtude da sua beleza do que como obras de arte. A classe mais letrada na Grécia discutia agora os quadros e as estátuas, da mesma forma como discutia poemas e peças de teatro, enaltecendo assim a sua beleza ou criticando a sua forma e concepção.

Gombrich, E. (1996). *The Story of Art*. London: Phaidon. (pp. 99-100).